

AS MISSÕES E O TRABALHO COLETIVO: O PERCURSO DOS OBJETOS NA ANTROPOLOGIA FRANCESA NA DÉCADA DE 1930

HELLEN CAETANO¹

RESUMO

Os objetos estiveram presentes em toda a constituição da Antropologia como uma ciência. O esforço em organizar o trabalho de campo entre os antropólogos e os auxiliares coloniais também teve os objetos como parte importante. O objetivo deste ensaio é discorrer sobre o percurso dos objetos na Antropologia Francesa clássica, focalizando a década de 1930 como período-chave para compreender a importância da cultura material para a disciplina. O percurso dos objetos foi construído com base nos trabalhos coletivos, projetos coloniais, viagens e museologia. Para tanto, os objetos têm viajado a partir do encontro com os especialistas, seguindo novos cursos e adquirindo novas racionalidades.

PALAVRAS-CHAVE

Objetos; Cultura Material; Projetos coloniais; Museus.

THE MISSIONS AND COLLECTIVE WORK: THE JOURNEY OF OBJECTS IN FRENCH ANTHROPOLOGY IN THE 1930S

ABSTRACT

Objects have been present throughout the formation of Anthropology as a science. The effort to organize fieldwork between anthropologists and colonial assistants also relied on objects as an important component. The aim of this essay is to discuss the trajectory of objects in classical French Anthropology, focusing on the 1930s as a key moment for understanding the importance of material culture to the discipline. The trajectory of objects was shaped through collective work, colonial projects, travel, and museology. Thus, objects have traveled through encounters with specialists, following new paths and acquiring new rationalities.

KEYWORDS

Objects; Material Culture; Colonial Projects; Museums.

LES MISSIONS ET LE TRAVAIL COLLECTIF : LE PARCOURS DES OBJETS DANS L'ANTHROPOLOGIE FRANÇAISE DES ANNÉES 1930

RÉSUMÉ

Les objets ont été présents tout au long de la constitution de l'Anthropologie en tant que science. L'effort d'organiser le travail de terrain entre les anthropologues et les auxiliaires coloniaux a également fait des objets un élément important. L'objectif de cet essai est de discuter du parcours des objets dans l'Anthropologie française classique, en mettant l'accent sur les années 1930 comme un moment clé pour comprendre l'importance de la culture matérielle pour la discipline. Le parcours des objets s'est construit à partir de travaux collectifs, de projets coloniaux, de voyages et de la muséologie. Ainsi, les objets ont circulé à partir de leur

¹ Professora substituta no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Contato: hellen.caetano@ics.ufal.br.

rencontre avec des spécialistes, suivant de nouveaux parcours et acquérant de nouvelles rationalités.

MOTS-CLÉS

Objets ; Culture matérielle ; Projets coloniaux ; Musées.

LAS MISIONES Y EL TRABAJO COLECTIVO: EL RECORRIDO DE LOS OBJETOS EN LA ANTROPOLOGÍA FRANCESA EN LA DÉCADA DE 1930

RESUMEN

Los objetos han estado presentes a lo largo de toda la constitución de la Antropología como ciencia. El esfuerzo por organizar el trabajo de campo entre antropólogos y auxiliares coloniales también consideró a los objetos como una parte importante. El objetivo de este ensayo es analizar el recorrido de los objetos en la Antropología francesa clásica, centrando la atención en la década de 1930 como un momento clave para comprender la importancia de la cultura material para la disciplina. El recorrido de los objetos se construyó a partir de trabajos colectivos, proyectos coloniales, viajes y museología. De este modo, los objetos han viajado a partir del encuentro con especialistas, siguiendo nuevos cursos y adquiriendo nuevas racionalidades.

PALABRAS CLAVE

Objetos; Cultura material; Proyectos coloniales; Museos.

"Las colecciones de museo siguen siendo el único medio de escribir la historia" (Mauss, 2006, p. 33).

Os objetos estiveram presentes em toda a constituição da antropologia como uma ciência. No que diz respeito à consolidação da antropologia francesa, o esforço em organizar e racionalizar o trabalho de campo entre antropólogos e seus auxiliares coloniais (L'Estoile, 2003) também tem os objetos como parte constituinte desse empreendimento. Neste breve texto, tem-se o objetivo de discorrer sobre o percurso dos objetos na antropologia francesa clássica, focalizando a década de 1930 como período-chave para compreender o papel e a importância da cultura material para a disciplina. Benoît de L'Estoile (2003) argumenta que, nos anos 30, o modelo alternativo de pesquisa baseado na divisão de trabalho teve seu apogeu, permitindo compreender traços institucionais e intelectuais que marcaram e estruturaram a antropologia francesa no período entre guerras. O percurso dos objetos, desse modo, foi construído em meio a trabalhos coletivos, projetos coloniais, viagens e museologia.

Marcel Mauss foi um sociólogo e antropólogo francês renomado e uma referência incontornável quando consideramos a cultura material e o trabalho de campo especializado. No Ensaio sobre a Dádiva (2003b [1934]), Mauss discorre sobre os diferentes sistemas de trocas/dádivas em sociedades distintas como a Melanésia, Polinésia e dos índios do Noroeste Americano, buscando o princípio comum que regula tais trocas. Seguindo a coisa dada, o autor mostra como, quando a troca se materializa, várias dimensões da vida social ficam ressaltadas. Esboços sobre a cultura material também podem ser vistos a partir da publicação de "As técnicas do corpo" (2003a [1934]), no qual Mauss circunscreve o corpo como o primeiro e mais natural instrumento do homem, configurando-se como um objeto-técnico. No que se refere à consolidação do trabalho de campo especializado na antropologia francesa, Mauss (1979) enfatiza que trabalhar em equipe é essencial para composição do trabalho de campo, uns ficando destinados ao registro, outros à classificação. Para o autor, o conhecimento intensivo dos fatos só é possível a partir da colaboração de diferentes especialistas, pois toda ciência é um trabalho em conjunto. Mauss (1979) ressalta que o mundo social é complexo e material, moral e espiritual. O objetivo do trabalho coletivo, afirma Mauss, é buscar e reanalisar os "fatos".

Segundo Benoît de L'Estoile (2003), no decorrer dos anos 30, a antropologia francesa se constituiu em torno de um projeto de uma Ciência do Homem em sua totalidade, reunindo, ao mesmo tempo, a antropologia física, a etnografia e a pré-história, referindo-se ao ramo das ciências naturais, fato essencial para entender a própria organização do trabalho na disciplina. L'Estoile evidencia que Marcel Mauss foi um dos grandes entusiastas do movimento de melhoria da qualidade dos dados, esforçando-se para orientar observações e insistir na formação dos profissionais coloniais que estivessem em campo coletando

informações e objetos. O autor mostra que a fundação do *Institut d'Ethnologie*, em 1925, foi parte essencial da preparação dos observadores para a coleta de dados no trabalho de campo, a partir da difusão dos questionários destinados ao recolhimento de objetos e dados etnográficos. Desse modo, L'Estoile enfatiza que, para que um objeto ou fato pudesse constituir um “dado” útil, ele deveria ser obtido a partir de um protocolo específico e especializado.

No Manual de Etnografia, Marcel Mauss (1947) mostra que o etnógrafo profissional deve praticar o método intensivo, devendo dar conta da morfologia social, da fisiologia social e dos fenômenos gerais. O primeiro objeto de trabalho apresentado pelo autor é o diário de campo, no qual deve-se discorrer sobre o trabalho realizado durante a jornada. Fichas e objetos entram neste diário para poderem ser consultados posteriormente. Mauss indica que todo objeto coletado deve ser acompanhado de uma ficha descritiva, já que o estabelecimento destas coleções de objetos é importante para a prática e teoria antropológica. O autor evidencia que os coletores devem compor séries lógicas, ressaltando a importância das localizações destes objetos, pois, sem isso, nenhum deles poderia compor um museu. Cada objeto deveria receber uma numeração que remeteria a um inventário e uma ficha descritiva, no qual se poderia consultar sobre seu uso e sua fabricação. Mauss mostra que também seria útil tal ficha ser acompanhada de anexos fotográficos e cinematográficos, pois isto seria essencial para entender o modo de funcionamento de cada objeto. O intuito de executar essas tarefas com maestria residiria em explicar o objeto para além de seu valor técnico, mas também seus outros sentidos, como morais e religiosos.

O que queremos refletir, neste ensaio, não é a ideia de que os objetos são seres atuantes por si mesmos, mas enfatizar como a cultura material foi parte essencial do estudo da vida social e da própria consolidação da antropologia francesa. L'Estoile (2003) demonstra que as criações institucionais, como a do *Musée de l'Homme*, podem ser vistas como uma aplicação do programa de Marcel Mauss, baseado em uma epistemologia naturalista. O museu é instituído como um lugar moderno que abre espaço para a diversidade das sociedades humanas (Cavignac, 2012). Considerando a coleta de objetos, fonte importante para a estruturação de um museu, L'Estoile demonstra que as coletas podem ser compreendidas mais facilmente se levarmos em conta que os objetos são concebidos a partir do modelo de exemplar/amostra; como exemplo, podemos entender que as coleções etnográficas são equivalentes a coleções de crânios, realizadas pela antropologia física, algumas décadas antes. Esses objetos deveriam ser recolhidos e identificados, pois o trabalho etnográfico residiria exatamente em conseguir compor fichas descritivas exaustivas e satisfatórias, sem os quais os dados sobre os objetos e o próprio entendimento sobre eles ficariam comprometidos.

Vale ressaltar que a França realizou as primeiras missões etnográficas oficiais em suas colônias, desse modo, a própria coleta de objetos se constituiu como uma atividade marcada fortemente pelo colonialismo. Contudo, seguindo os argumentos expostos por Julie Cavignac (2012), essas atividades devem ser compreendidas dentro de contextos específicos, ressaltando as características positivas que trouxeram ao trabalho etnográfico. A autora demonstra que o projeto do *Musée de l'Homme* é marcado pelas ações de antropólogos com ideais progressistas como Marcel Mauss, Lucien Lévy-Bruhl e Paul Rivet, trazendo consigo um compromisso intelectual e político contra o racismo, com o intuito de popularizar a ciência. Para L'Estoile (2006), o *Musée de l'Homme* se configura como um lugar demarcado por um tipo de novo humanismo colonial, reconhecendo o Homem como um objeto da política e do conhecimento. Segundo o autor, o museu surge como um instrumento de relativização, lugar privilegiado para a afirmação da etnologia e de sua institucionalização. Configura-se como um “museu dos Outros”, encarnando a reivindicação de um universalismo pluralista que viria a fazer parte da contribuição da França para o mundo. A importância de coletar objetos e leva-los ao museu residiria na necessidade de que estes pudessem servir como “provas”, como dados dos fatos sociais (L'Estoile, 2006).

Julie Cavignac (2012) afirma que o modelo subjacente de qualquer abordagem científica da época era baseado em coleções, que seriam versões materializadas da pesquisa, baseadas em observação e classificação de fatos sociais. Nesse ponto, a autora ressalta que o trabalho de campo não se limitava a um grupo específico, mas estava associado a uma extensa coleta de objetos realizada durante as expedições etnográficas. Uma das primeiras expedições organizadas foi a missão Dakar-Djibouti (1931–1933) que passou por diferentes países africanos. A expedição foi organizada pelo *Institut d'Ethnologie* e pelo *Muséum d'Histoire Naturelle*, sendo liderada por Marcel Griaule e tinha como objetivo recolher “fatos” e objetos. Com o intuito de racionalizar as práticas científicas coloniais, o instituto investiu na impressão de um documento que daria subsídios para realizar as tarefas vinculadas a esta racionalização (L'Estoile, 2007). Nas *Instructions sommaires pour les collecteurs d'objets ethnographiques* (1931), afirma-se que a tarefa de constituir coleções de objetos é urgente. Nessas instruções, ratifica-se também que praticamente todos os fenômenos da vida social são passíveis de expressão a partir dos objetos, baseando-se na própria relação entre os homens e a cultura material. Desse modo, as coleções de objetos deveriam ser sistematicamente coletadas a partir do trabalho coletivo especializado, visto que se configurariam como uma rica coleção de evidências, utilizadas posteriormente para caracterizar diferentes tipos de civilização. Podemos ver isso mais claramente no relatório geral da Missão Dakar-Djibouti (1932), documento feito por Marcel Griaule. Neste, o antropólogo descreve os objetos que teriam sido recolhidos até o momento, dentre eles, cerca de sessenta pedras pintadas, 200 bonecos, além de utensílios domésticos e objetos

rituais de circuncisão. Marcel Griaule também ratifica que cada objeto é acompanhado por uma folha descritiva com cópia, na qual são descritos termos e informações nativas sobre proveniência, uso e fabricação, bem como registros fotográficos, cinematográficos ou sonoros, quando possível e necessário. Vemos, nesse ponto, como o projeto de Mauss, expresso no Manual de Etnografia (1947), foi sendo seguido pelos trabalhadores em campo vinculados à missão.

A antropologia francesa e os antropólogos da década de 1930 se esforçaram para criar um sistema racionalizado de divisão do trabalho, sistemático e centralizado. L'Estoile (2011) argumenta que o nascimento da antropologia se relaciona estritamente com o museu, pois esse era o lugar de onde se falava e onde se produzia o conhecimento antropológico, em um tipo de projeto enciclopédico. Para sustentar esse modelo de organização burocrática em torno das pesquisas, L'Estoile enfatiza que deveria existir um centro de controle e uma rede de colaboradores locais que recebem informações do centro (Paris), realizam suas coletas com base nestas instruções e enviam de volta objetos e “fatos”, descritos e rotulados, para que posteriormente possam ser classificados e sistematizados no *Musée de l'Homme* (e, anteriormente, no *Musée du Trocadéro*).

Foquemos agora na ideia de “enviar de volta”, ou seja, no percurso que os objetos teriam que fazer até chegar ao museu. Em um texto intitulado “O olho do Etnógrafo”, Fernanda Peixoto (2011) se propõe a retornar os temas da viagem etnográfica e da formação do etnólogo, a partir da experiência de Michel Leiris na missão Dakar-Djibouti. A autora argumenta que o deslocamento no espaço e na experiência em diferentes lugares e culturas fazem parte da produção de conhecimento antropológico, até para o antropólogo de gabinete, visto que este também necessitaria os dados de viagem feito por outros. Considerando isso, o que quero argumentar é que os objetos — e não só o etnógrafo — também viajam; além das fichas descritivas e das fotografias que mostram seu funcionamento, o percurso feito pelos objetos até chegar aos museus são também partes constituintes e importantes daquilo que será exposto. A antropologia francesa e os seus trabalhadores, desse modo, explicitaram um compromisso político de “salvaguardar” tais objetos, com o objetivo de construir um “arquivo total da humanidade” (L'Estoile, 2003). Inspirada pelos argumentos de Cavignac (2012), enfatizo a ideia de que a coleta em contextos coloniais, que retira esses objetos de seu “lugar de origem”, faz com que esses artefatos ganhem novos sentidos e racionalidades. Sua função muda, constituindo-se, a partir disso, em um objeto etnográfico que será exposto em museus.

Em “A África Fantasma” (2007), Michel Leiris descreve a sua participação na missão Dakar-Djibouti (1931–1933), dirigida por Marcel Griaule. Como visto anteriormente, a missão tinha como objetivo a coleta de objetos, documentos e registros para composição do *Musée de l'Homme*, em Paris. O trabalho de campo aprendido e realizado durante a missão fez com

que Leiris confrontasse dilemas pessoais e éticos em meio ao projeto colonial francês no continente africano. Ao narrar o seu desconforto em participar das práticas de coleta, Leiris critica a apropriação de objetos sagrados, retirando-lhes do seu contexto. Assim, Leiris propõe que a ideia de “salvaguardar” os objetos era a base de uma relação desigual de poder entre os cientistas franceses e as comunidades africanas.

Desse modo, Leiris (2007) faz uma crítica crucial à antropologia como ferramenta da prática colonial, questionando, além disso, a própria legitimidade com que os antropólogos da época coletavam os objetos. Essa coleta, para Leiris, baseava-se em uma violência simbólica e material, já que eram realizadas em meio à coerção ou ao suborno. Sua crítica vai além de pensar a retirada violenta dos objetos de seu contexto, já que, para Leiris, os objetos rituais eram retirados de sua cultura viva para serem catalogados e exibidos em museus.

Michel Leiris (1951) argumenta que o desenvolvimento da etnografia foi efetuado em meio à expansão colonial. Esses etnógrafos, de acordo com Leiris, adquiriam também os objetos que seriam estudados e conservados em museus, enfatizando que essa ação se constitui em um desvio de seus usos e suas funções. Considerando tais pressupostos expostos pelo autor, até mesmo a ideia de “salvaguardar culturas” deve ser vista e considerada com cautela, compreendendo que esses grupos não estão congelados no tempo, mas sim em constante movimento. De acordo com Benoît de L’Estoile (2011), os objetos expostos em museus, são portadores de história; a própria negociação que permitiu a ida até o museu deve ser reconhecida.

Procurei destacar como a cultura material se constituiu como uma parte essencial do trabalho antropológico, considerando a divisão do trabalho de campo, projetos coloniais, museologia e viagens dos objetos e dos etnógrafos. Os objetos viajam a partir do encontro com as equipes especializadas, seguindo novos cursos e adquirindo novas racionalidades. Portanto, devemos não só obter informações sobre as coletas dos objetos, mas também de seu percurso e das relações históricas imbricadas nesses artefatos. Os museus e os objetos, no sentido exposto por L’Estoile (2011), são produtos de relações coloniais entre a Europa e outros continentes, como a África e as Américas, e este ponto precisa ser levado em consideração em nossas relações como antropólogos e até mesmo para que fiquem disponíveis para os frequentadores dos museus. Questionar e compreender o percurso e os fluxos dos objetos torna-se essencial para o entendimento da própria constituição da Antropologia Francesa como uma ciência localizada.

REFERÊNCIAS

CAVIGNAC, Julie A. L'Américanisme français au début du XXème siècle: projets politiques, muséologie et terrains brésiliens. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 9, p. 24-81, 2012.

CLIFFORD, James. Conte-me sobre sua viagem: Michel Leiris. **Revista de Ciências Sociais**, v. 44, n. 2, p. 137-149, 2013.

GRIAULE, Marcel. Mission Dakar-Djibouti, rapport général (mai 1931-mai 1932). **Journal des africanistes**, v. 2, n. 1, p. 113-122, 1932.

IFAN. **Instructions sommaires pour les collecteurs d'objets ethnographiques**. Paris: Musée d'Ethnographie/Mission Scientifique Dakar-Djibouti, 1931.

L'ESTOILE, Benoît de. "O arquivo total da humanidade": utopia enciclopédica e divisão do trabalho na etnologia francesa. **Horizontes Antropológicos**, v. 9, p. 265-302, 2003.

L'ESTOILE, Benoît. A experiência do museu é a de se deslocar: entrevista com Benoît L'Estoile (Eduardo Dimitrov; Ilana Seltzer Goldstein; Mariana Françaço). **Proa-Revista de Antropologia e Arte**, v. 1, n. 3, p. 1-14, 2011.

L'ESTOILE, Benoît de. Les Musées des Autres, du Trocadéro au Musée de l'Homme. //: L'ESTOILE, Benoît. **France and its Others: New Museums, New Identities/La France et ses Autres: Nouveaux Musées, Nouvelles Identités**. Chicago Center in Paris, 2006. p. 944-961.

LEIRIS, Michel. O etnógrafo perante o colonialismo. //: SANCHES, Manuela Ribeiro. **Malhas Que os Impérios Tecem: Textos Anti-Coloniais, Contextos Pós-Coloniais**. Lisboa, Edições, 1951. p. 199-218.

LEIRIS, Michel. **A África Fantasma**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. //: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003a [1934]. p. 399-422.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. //: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003b [1934]. p. 183-314.

MAUSS, Marcel. L'œuvre de Mauss par lui-même. **Revue française de sociologie**, v. 20, n. 1, p. 209-220, 1979.

MAUSS, Marcel. Métodos de observación. //: MAUSS, Marcel. **Manual de etnografía**. 1ª Ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006. p. 29-39.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. O olho do etnógrafo. **Sociologia & Antropologia**, v. 1, p. 195-215, 2011.

Recebido em 9 de agosto de 2025.
Aprovado em 4 de setembro de 2025.

